

DEVE-SE RECHAÇAR O CENTRALISMO BUROCRÁTICO E PRATICAR SÓ O CONSENSO?

MARTA HARNECKER

1. Os partidos de esquerda, durante muito tempo, foram muito autoritários. O que se praticava habitualmente era um **centralismo burocrático** muito estimulado pelas experiências do socialismo soviético. **Todos os critérios, tarefas, iniciativas, linhas de ação eram decididos pela cúpula partidária, sem conhecimento nem debate com a militância**, limitando-a a acatar ordens que nunca discutia e, muitas vezes, não compreendia. Uma atitude deste tipo parece cada vez mais intolerável para a maioria das pessoas.
2. *Mas, para lutar contra esse desvio centralizador burocrático, deve-se evitar cair no desvio do ultrademocratismo*, que leva a gastar mais tempo em discutir do que em atuar, porque tudo, até o não necessário, se submete a discussões que muitas vezes, **esterilizam toda ação concreta**.
3. Ao criticar o desvio burocrático do centralismo, tende-se, nestes últimos tempos, a rejeitar todo tipo de direção central.
4. Fala-se da necessidade de organizar grupos em todos os níveis da sociedade e que esses grupos apliquem uma democracia interna estrita —idéias que evidentemente compartilhamos—. O que não compartilhamos é afirmar que não se precisa de esforço para tentar dar-lhes uma organicidade comum. **Em nome da democracia, da flexibilidade e do desejo de dar-se a batalha em diferentes frentes, se rechaçam os esforços para determinar as prioridades estratégicas e por tentar unificar sua ação**.
5. Para alguns, o único método aceitável é o do **consenso**. Argumenta-se que com ele se busca não impor decisões, mas lograr interpretar a todos. Mas este método, que procura acordo com todos e que aparece como mais democrático, às vezes, é muito mais antidemocrático, porque outorga **direito de veto a uma minoria**: no extremo de que uma só pessoa pode impedir que se cheguem a implementar acordos que contam com um apoio imensamente majoritário.
6. Por outra parte, a complexidade dos problemas, a amplitude da organização e os tempos da política —que obrigam a tomar decisões rápidas em determinadas conjunturas— tornam quase impossível a utilização da via do consenso em muitas ocasiões, ainda que se descarte seu uso manipulador.
7. Acredito que **não se pode pensar em eficácia política sem condução unificada** que defina as ações a realizar nos distintos momentos da luta e, para alcançar esta definição, é preciso que se faça uma discussão ampla, onde todos opinem e que, finalmente, se adotem acordos que todos devem cumprir.
8. Para obter uma ação coordenada, os organismos inferiores devem ter em conta, nas suas decisões, as indicações que fazem os organismos superiores e, aqueles cujas posições ficaram em minoria devem submeter-se na ação à linha que triunfa, desenvolvendo junto aos demais membros as tarefas que se desprendem dela.

9. Uma instância política que pretenda seriamente lutar para transformar a sociedade **não** pode se dar o luxo de ter no seu seio **elementos indisciplinados que rompem a unidade de ação, sem a qual não há ação política eficaz.**

10. Essa combinação de **direção central única e de discussão democrática** nos diferentes níveis da organização é o que se chama **centralismo democrático**. Trata-se de uma combinação dialética: em períodos políticos complicados, de auge revolucionário ou de guerra, não resta outra solução que não se acentuar o pólo centralista; em períodos de calma, onde o ritmo dos acontecimentos é mais lento, deve-se acentuar o pólo democrático.

11. Pessoalmente não vejo como se pode conceber uma ação política com sucesso se não se consegue uma ação unificada e, para isso, não acredito que exista outro método a não ser o do centralismo democrático, se não se tenha alcançado o consenso.

12. Uma **correta combinação do centralismo e da democracia estimula a iniciativa** dos dirigentes e, sobretudo, de todos os militantes. Somente a ação criadora em todos os níveis da organização política ou social é capaz de assegurar o avanço das nossas lutas. Uma vida democrática insuficiente impede o desenrolar de toda a iniciativa criadora dos militantes, com conseqüente baixa do seu rendimento político. Na prática, esta iniciativa se manifesta no sentido de responsabilidade, de ordem no trabalho, na coragem e aptidão para resolver problemas, para expressar opiniões, para criticar defeitos, assim como no controle exercido, com esmero de camarada, sobre os organismos superiores.

13. Somente uma correta combinação do centralismo e da democracia torna eficazes as decisões que se adotam, porque o **fato de ter participado na discussão e na tomada de decisões compromete mais a cada um dos atores.**

14. O que se tem **que evitar**, quando se aplica o método do centralismo democrático, é pretender **usar as maiorias estreitas para tentar esmagar aqueles que ficaram em minoria**. Os movimentos sociais e políticos mais maduros consideram que não tem sentido impor uma medida adotada por uma maioria estreita. Estimam que, **se não é a grande maioria de seus militantes que está convencida das medidas a adotar, é preferível esperar que as pessoas vão amadurecendo e cheguem a convencerem-se**, por si mesmas, do correto destas medidas. Isso evita as nefastas divisões internas que costumam afligir os movimentos e partidos de esquerda e previne que se cometam erros de grande envergadura. ◀

BIBLIOGRAFIA DE MARTA HARNECKER SOBRE O TEMA:

—La izquierda después de Seattle, Siglo XXI Espanha, 2002.

—La izquierda en el umbral del Siglo XXI. Haciendo posible lo imposible, Publicado en: México, Siglo XXI Editores, 1999; Espanha, Siglo XXI Editores, 1ª ed., 1999, 2ª ed., 2000 y 3ª ed., 2000; Cuba, Editorial de Ciencias Sociales, 2000; Portugal, Campo das Letras Editores, 2000; Brasil, Paz e Terra, 2000; Italia, Sperling and Küpfer Editori, 2001; Canadá (francés), Lantôt Éditeur, 2001; El Salvador, Instituto de Ciencias Políticas y Administrativas Farabundo Martí, 2001.

—Vanguardia y crisis actual o Izquierda y crisis actual, Siglo XXI España, 1990. Publicado en: Argentina, Ediciones de Gente Sur, 1990; Uruguay, TAE Editorial, 1990; Chile, Brecha, 1990; Nicaragua, Barricada, 1990. Con el título **Izquierda y crisis actual**: México, Siglo XXI Editores, 1990; Perú, Ediciones Amauta, 1990; Venezuela, Abre Brecha, 1990; Dinamarca, Solidaritet, 1992.